

## ANÁLISE DO DISCURSO E CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO EM ENUNCIADOS SOBRE PESQUISAS CIENTÍFICAS COM CÉLULAS TRONCO

Gregório Pereira de VASCONCELOS<sup>61</sup>

Pedro Farias FRANCELINO<sup>62</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe reflexões sobre os processos discursivos e de constituição do sentido que permeiam uma série de enunciados sobre pesquisas científicas com células tronco. Baseia-se, principalmente, em pressupostos de Pêcheux (2008, 2010), Foucault (1999) e Gregolin (2001, 2006). Para compreender os enunciados, o leitor precisa resgatar uma memória discursiva relacionada ao fato social relativo ao momento da enunciação e, a partir daí, estabelecer relações entre os efeitos de sentido. Considerou-se que apesar de remeterem ao mesmo fato, os enunciados constroem diferentes significações, tendo em vista a natureza diversificada das condições de produção e da posição social ocupada pelos enunciadores.

**Palavras-chave:** Discurso. Sentido. Enunciado. Memória. Formação discursiva. Interdiscurso.

**Abstract:** *This study purposes reflections about the discursive and sense construction processes which permeate a group of texts about scientific researches with stem cells. It is based, mainly, on ideas from Pêcheux (2008, 2010), Foucault (1999) and Gregolin (2001, 2006). To understand the text, the reader must recover a discursive memory related to the social fact and the moment of textual production and, after that, establish relations between the sense effects. It was considered that despite the texts remit to the same fact, they construct different senses, considering the diverse nature of production conditions and the social position of the enunciators.*

**Key-words:** *Discourse. Sense. Textual production. Memory. Discursive formation. Interdiscourse.*

---

<sup>61</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). Mestre em Linguística pelo PROLING/UFPB. Professor da UFPB Virtual. Tutor a Distância da UFPB Virtual. Coordenador de Tutoria da UFPB Virtual. Professor da Faculdade Potiguar da Paraíba (FPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. gregoriopereira@gmail.com

<sup>62</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2007). Professor Adjunto III do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (DLCV / UFPB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. pedrofrancelino@yahoo.com.br

## **Considerações Iniciais**

O desenvolvimento de pesquisas científicas com células tronco é um assunto abordado de forma constante por meio dos diversos veículos de comunicação. Apesar de representar uma possibilidade de cura para diversas doenças, esta prática sempre gerou muitas discussões divergentes no meio social, especialmente entre autoridades da Medicina, do Direito e da Religião.

Tais divergências persistem mesmo com a sanção da Lei de Biossegurança (Lei 11.1105/05), de março de 2005, tendo em vista que algumas autoridades consideram que este tipo de pesquisa, na verdade, é uma afronta à própria vida, pois os estudiosos manipulam células embrionárias fertilizadas *in vitro* para desenvolver investigações de caráter científico.

Os enunciados sobre o tema polêmico mencionado continuam sendo apresentados pela mídia e por diversos gêneros discursivos, a exemplo da charge. Este gênero retrata, de forma crítica e multimodal, enunciados sobre diversos temas relevantes que emergem no meio social e, segundo Pêcheux (2008), constituem a própria realidade do universo físico-humano onde o sujeito está inserido.

Assim, com base na Análise do Discurso de linha francesa, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre os processos discursivos e de constituição do sentido que permeiam uma série de enunciados (charges) divulgados por meio da *internet* sobre pesquisas científicas com células tronco.

Para tanto, esse estudo baseia-se, principalmente, nos pressupostos de Michel Pêcheux (2008, 2010), Michel Foucault (1999) e Maria do Rosário Gregolin (2001, 2006) sobre discurso, enunciado, sentido, formação discursiva e interdiscurso, entre outros conceitos. Vale salientar que estabeleceremos diálogos com outros autores durante este trabalho. Nesse sentido, a seção seguinte apresenta a fundamentação teórica utilizada neste estudo.

### **Pressupostos sobre a Análise do Discurso de linha francesa**

[...] se isso faz sentido é porque há o sem-sentido, o incompreensível; se isso faz sentido é porque o sujeito pensa levantar, por instantes, o véu da compreensibilidade e enxerga, no isso, uma evidência do sentido que lhe aparece, concreta, diante dos olhos (GREGOLIN, 2001, p.10).

Presente no nosso cotidiano por meio de jornais, de revistas e da *internet*, por exemplo, a charge é um gênero discursivo que comporta, na maioria das vezes, uma articulação entre a linguagem verbal e a não verbal e aborda, de forma crítica, diversos personagens e acontecimentos do cotidiano.

Para compreendermos as formas e sentidos da charge, a abordagem discursiva propõe que se mostre a rede dialógica do enunciado, considerando o diálogo entre o intra e o interdiscurso. Por que é dito de uma determinada forma? Por que se usa um enunciado específico e não outro? O que foi silenciado ou interdito? Qual é o objetivo da enunciação?

Vale ressaltar que a Análise do Discurso (AD) de linha francesa não considera a língua como objeto teórico, mas sim o discurso. A língua, para a AD, é um pressuposto, pois tal campo do saber se interessa por analisar não apenas o lado linguístico, mas este articulado ao histórico-social. Entretanto, a língua ocupa um lugar de destaque, visto que o sujeito, que é social, só produz discursos na ordem material da língua.

Para a Análise do Discurso, assim como para os estruturalistas saussureanos, a língua é uma instituição ou fato social. Não é possível desenvolver um estudo imanente na AD, já que pela análise simplesmente da estrutura não é possível estudar o discurso, e este tipo de estudo excluiria a relação entre a língua, o sujeito e a história.

Ao analisar o lado social, o histórico e o ideológico do discurso, é preciso recuperar o acontecimento dentro da estrutura linguística. Assim, para a AD, existe uma relação indissociável entre língua e história. Tal relação deve ser elucidada para interpretar a materialização da ordem histórica na ordem da língua, pois a interpretação, que é algo instável devido à variação dos sentidos, engloba a estrutura e o acontecimento discursivo.

Desse modo, segundo a Análise do Discurso, a língua só faz sentido a partir de uma intervenção histórica, pois não há fato ou acontecimento que não reclame interpretação. Então, para Michel Pêcheux, o analista do discurso também é um analista social, tendo em vista seu papel de refletir sobre os processos discursivos que se manifestam na sociedade do seu tempo. Nessa perspectiva,

o “acontecimento discursivo” é, portanto, apreendido na consciência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado. O acontecimento não é o fato como contado por um poder, nem por um

historiador e nem se confunde com a notícia; ele se dá nesse entrecruzamento (SARGENTINI, 2006, p.41).

Seguindo estes pressupostos, o analista do discurso estuda a língua não para descrever seus níveis estruturais, mas para analisar a produção do acontecimento (que é da ordem da história). Dessa forma, analisa-se a historicidade do linguístico, isto é, como os sentidos são produzidos na ordem material da língua e da história (dimensão sócio-ideológica do enunciado).

Nesse contexto, a língua é concebida como materialidade histórica e linguística, simultaneamente; um fato social não existe na mente de um único indivíduo, mas na mente da coletividade. Portanto, as condições sócio-históricas de produção são fundamentais para compreender os sentidos do texto; a significação do enunciado depende do contexto social mais amplo em que ele foi produzido.

Assim, a relação do enunciado, com a série de formulações com as quais ele coexiste, atesta sua historicidade, pois ele sempre se correlaciona a um campo subjacente e a um campo associativo (GREGOLIN, 2006, p.26). Isto implica afirmar que o enunciado é suscetível a atualizações, a renascimentos, a reformulações, e se opõe a outros enunciados em cada ato comunicativo. Dessa forma, a análise da enunciação deve englobar, ainda, sua relação com a memória, pois ela

não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2010, p.56).

Ele argumenta, ainda, que o enunciado é opaco, pois o sentido não está na estrutura; quando levada para novos campos, a estrutura pode ter outros sentidos. Assim, a descrição é da ordem do estável, do confortável, e a interpretação é instável, assim como o conhecimento, pois tudo é interpretação e os sentidos variam de acordo com o contexto comunicativo.

É o que Pêcheux mostrou com o enunciado “*On a gagné*” [“Ganhamos!”], na obra *Discurso. Estrutura ou acontecimento*. Este termo foi deslocado do contexto esportivo para o político, tornando-se um enunciado que representa um grito de vitória de um grupo. Tal exemplo contribuiu para compreendermos como ocorre o

deslocamento de sentidos em enunciados veiculados no meio social, além de ter demonstrado como a ideologia se manifesta impregnada na palavra, tendo em vista que todo signo é ideológico.

Dessa forma, é importante afirmar que a análise do enunciado deve englobar a dispersão e a regularidade, considerando a singularidade e a repetição que o constituem. Nesse ponto conceitual, o discurso é percebido como o aspecto que articula a linguística e a história; o social e o ideológico são inseparáveis na análise do discurso.

Assim, ao interpretar os sentidos expressos no texto, é preciso recuperar os acontecimentos, por meio da memória, e analisar a rede enunciativa: procurar as relações de sentido estabelecidas no enunciado, que não pode ser analisado sozinho devido a sua heterogeneidade constitutiva e a seu caráter sócio-histórico.

Em 1969, quando foi lançado o livro *Análise Automática do Discurso*, Michel Pêcheux e Jean Dubois tinham em comum o discurso político como objeto de análise. A unidade básica de análise foi o enunciado; eles inovaram desde o início. Analisavam o discurso em uma época em que os linguistas tinham a frase como objeto de análise.

Durante a terceira época da análise do discurso, Michel Pêcheux expandiu as perspectivas da AD ao dialogar com Michel Foucault e novos historiadores. Considerou-se a importância de investigar o sujeito construído no discurso, tendo em vista seu papel de colocar a língua em funcionamento; ampliou-se o foco da análise do discurso institucional para a análise do discurso do cotidiano.

Nessa visão, a concepção de sujeito é compatível com uma noção de discurso marcado pela heterogeneidade discursiva, em que a sua consciência, ideologia e pensamentos são construídos por meio das inter-relações com os outros. Tem-se, portanto, um sujeito essencialmente heterogêneo.

Assim, a AD se interessa por investigar o sujeito construído no discurso: o sujeito não é de carne e osso, não é real, é uma construção. O sujeito se constitui “na e pela linguagem”. Daí, o sujeito é percebido como resultado de uma construção discursiva que envolve aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos.

Em *A ordem do discurso*, texto produzido a partir de uma aula inaugural no Collège de France, em 1970, Michel Foucault (1999) chama atenção aos procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Nesse sentido,

não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza (FOUCAULT, 1999, p. 22).

Ele afirma, ainda, que tais procedimentos podem ser delimitados externamente, pela sociedade, determinando o que pode ser dito em determinada situação, e pelas instituições, utilizando suas vontades de verdade para pressionar determinadas produções discursivas. Tal delimitação também pode ocorrer internamente, por meio do próprio discurso, funcionando como princípio de ordenação que regula a dimensão do acontecimento e do acaso, como o comentário. Embora alguns textos saiam de evidência e o comentário tome a frente do processo discursivo, a charge não perde sua função enunciativa.

Ao longo da construção da teoria e análise do discurso, a noção de formação discursiva (FD) representa uma relação de ideias entre Pêcheux e Foucault. A formação discursiva determina o que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura. Ela é marcada por regularidades (regras de formação) que estruturam o que pertence (ou não) a uma FD; a formação discursiva é atravessada por discursos oriundos de outras FDs que são incorporados numa relação convergente ou divergente.

Compreende-se que uma FD não é formada por elementos ligados entre si por um princípio de unidade; o conjunto de enunciados que constitui o arquivo de uma época é considerado um espaço discursivo heterogêneo. Com isso, tem-se a concepção de interdiscurso como objeto de estudo, em que o discurso de outrem – outras FDs – é incorporado pela FD em análise que, apesar disso, mantém uma identidade, cuja estrutura é determinada pela própria relação interdiscursiva.

Assim, a instauração do outro na FD tem como consequência a concepção de sujeito que decorre daí. Pêcheux desejava construir uma teoria não subjetivista do sujeito para a qual operam a ideologia e o inconsciente, já que no interior de uma mesma FD há espaço para o confronto, a divergência, a contra-identificação do sujeito, o que confirma a sua heterogeneidade constitutiva. (GRANJEIRO, 2007).

Portanto, caracterizada como uma disciplina de entremeio, tendo em vista sua relação com a História, a Psicanálise e a Linguística, a Análise do Discurso se interessa

pela refletir sobre o lugar social ocupado pelo sujeito e pela análise de como a ideologia, que não se encontra apenas no campo das ideias, se materializa no discurso.

A próxima seção apresenta uma análise sobre o *corpus* deste trabalho.

### Para efeito de análise...

Vários enunciados foram veiculados sobre a pesquisa científica com células tronco em diversos gêneros discursivos. Nesta seção, destacaremos as charges divulgadas por meio da *internet* que servirão como objeto de análise do discurso e da construção do sentido sobre o referido tema, considerando os aspectos da teia discursiva que os envolve e a forma como se instaura a rede enunciativa e a relação entre tais enunciados.



Figura 1 - Oração

Disponível em: <http://triviaveg.blogspot.com>

Nesta materialidade<sup>63</sup>, é possível ver um líder religioso em uma igreja convocando os fiéis para fazer uma prece aos *pecadores* que desenvolvem pesquisas com células tronco, classificando este estudo como uma prática do *diabo*. Ironicamente, os fiéis fazem a oração pedindo que as doenças (Alzheimer, Parkinson e câncer) sejam curadas por meio destas pesquisas.

Na Figura 1 temos, de um lado, o discurso religioso contra a pesquisa científica com células tronco e, do outro, o discurso de pessoas que defendem a referida pesquisa. Percebe-se, portanto, que o diálogo estabelecido entre discursos nem sempre apresenta visões em comum: pode evocar posicionamentos contrários e divergentes, por exemplo.

O enunciado apresentado pela Figura 1 está relacionado com a charge a seguir:

<sup>63</sup> “Vamos orar pelos pecadores que desenvolvem trabalhos demoníacos de pesquisas científicas com células tronco!” “Senhor, ajude-os a encontrar uma cura para o Alzheimer do meu pai...”. “Uma cura para o Parkinson da minha mãe...”. “Uma cura para o meu câncer...”.



Figura 2 - Caminho

Disponível em: <http://arqtodesca.blogspot.com>

Nesta materialidade, o personagem do bispo e a cruz utilizada para impedir que o cadeirante siga o caminho indicado para o tratamento com células tronco ocupam um lugar na memória social, tendo em vista que o bispo possui um dos cargos mais influentes da igreja, instituição que tem a cruz como um dos principais símbolos. A postura do bispo no enunciado reverbera que a igreja é contra a pesquisa científica com células tronco, por considerá-la algo que prejudicaria o ser humano, ao invés de promover melhorias de vida.

Em diversos comunicados por meio da televisão e da *internet*, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reafirma que a igreja é radicalmente contra esta prática, argumentando que o embrião já é um ser humano dotado de uma alma imortal, imagem e semelhança de Deus e, por isso, não pode ser destruído. Assim, é importante salientar que

Pêcheux enxerga nos protagonistas do discurso não a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares cujo feixe de traços objetivos característicos pode ser descrito pela Sociologia. (BRANDÃO, 2004, p.44).

Desse modo, a análise que se faz de um dado enunciado, sob a ótica da análise do discurso francesa, objetiva estudar as estruturas linguísticas para entender a materialidade histórica que as constitui (BARACUHY, 2008. p.720). Nesse sentido, os enunciados das Figuras 1 e 2 inserem o leitor num jogo discursivo de relações entre lugares sociais que representa um duelo, uma disputa entre religião e ciência pelo bem da humanidade.

Assim, para compreender os enunciados em questão, o leitor precisa dominar, em sua memória, o discurso religioso sobre a pesquisa científica com células tronco. Com este domínio, considerando a materialização discursiva da ideologia, é possível compreender as representações dos personagens a partir do lugar social que ocupam no âmbito das condições de produção, tendo em vista as inter-relações sociais estabelecidas pelos sujeitos no plano histórico-discursivo.

Na Figura 3, tem-se o personagem de um ministro do STF dizendo a um cadeirante que “é melhor esperar sentado!” pelo julgamento sobre a legalidade de pesquisas com células tronco no Brasil, como é possível observar a seguir.



Figura 3 - STF

Disponível em: <http://arqtodesca.blogspot.com>

Foucault argumenta que a produção do discurso obedece a uma ordem que determina o que pode ser dito em certa conjuntura, sendo o comentário um destes procedimentos de controle discursivo, em que se tem a retomada, a atualização de enunciados já ditos e, por consequência, um deslocamento de sentidos, cuja apreensão total é uma tarefa impossível de se realizar.

Esses pressupostos podem ser percebidos na charge em questão, na qual o discurso foi apresentado em forma de comentário, o que provocou uma retomada, uma ressignificação de sentidos, com a intenção de promover uma crítica sobre algum personagem ou fato social, no caso, o julgamento adiado sobre a legalidade de pesquisas com células tronco.

Na análise do discurso que permeia este enunciado, é preciso considerar a posição social do sujeito, o lugar em que o enunciado foi produzido. Para interpretá-lo, é necessário ter conhecimento sobre o fato em questão, contemporâneo a sua época da enunciação. Assim, para compreender efeitos de sentido, é preciso interpretar o enunciado da Figura 3 sob a luz das condições sócio-históricas de produção inerentes à

rede discursiva que engloba o julgamento de pesquisas com células tronco. Nessa linha de pensamento,

a historicidade do enunciado apresenta suas margens povoadas por outros enunciados, mostra-o correlacionado a um campo adjacente, um campo associativo constituído por uma série de outras formulações e um conjunto de formulações a que se refere (FERNANDES, 2007, p.53).

Face à sua historicidade, o enunciado “é melhor esperar sentado!” só pode ser interpretado com a mobilização de uma memória discursiva, tendo em vista a opacidade e a constituição heterogênea dos dizeres sociais, bem como a gama de enunciados que o precedem e o sucedem. As dimensões verbais e não verbais da linguagem utilizadas na charge favorecem o resgate desta memória e mostram o lugar social ocupado pelas personagens no interior do texto, bem como suas posições sócio-ideológicas.

O ministro do STF, enquanto representante da maior instância da justiça brasileira, tem papel fundamental diante da legalidade do uso de células tronco em pesquisas científicas. Na charge em pauta, o ministro se manifestou com ironia, tendo em vista a situação debilitada do outro personagem que se encontra sentado em uma cadeira de rodas à espera de tratamento. Ao mesmo tempo, o enunciado reflete a morosidade para julgar o processo sobre a pesquisa científica com células tronco devido à complexidade social inerente ao caso.

Para a AD, a língua (estrutura formal do sistema linguístico) é um sistema instável, sujeito à falha, ao deslocamento de sentidos. Desse modo, ela é a condição de possibilidade dos discursos; o que deve ser analisado não é o acontecimento real, mas o discursivo, materializado em uma realidade linguística. Observemos a charge a seguir:



Figura 4 – Regeneração  
Disponível em: <http://geobio2010.blogspot.com>

Neste enunciado, temos dois cidadãos, em Brasília, observando a Esplanada dos Ministérios e dialogando sobre as células tronco. Então, um deles pergunta: “Será que elas podem regenerar cérebros corruptos e atrofiados também?” e o outro responde: “Queira Deus”.

Na Figura 4, é possível perceber o deslocamento discursivo do tema sobre a pesquisa científica com células tronco para o campo político. Os enunciados dos personagens foram utilizados em novos contextos, produzindo novos efeitos de sentido, relacionando-se com outros enunciados precedentes e subsequentes. Este processo contínuo e dialógico caracteriza a singularidade da sua condição de produção, bem como o ponto de vista do enunciador.

Assim, a memória representa, na Análise do Discurso, uma estrutura heterogênea, passível de mudanças, que fornece legibilidade a cada momento de enunciação. Sem a memória, o sujeito fica impossibilitado de recuperar e interpretar sentidos expressos no mundo contemporâneo a sua época, tendo em vista que o enunciado é algo repetível, mas também é singular.

Os dizeres dos cidadãos materializam a indignação do povo sobre as práticas de corrupção desenvolvidas, constantemente, por alguns políticos, evidenciando, num jogo metafórico, a sobreposição do referido problema político-social em relação ao tema da pesquisa científica com células tronco.

Ao falar na vontade de Deus, além de estabelecer uma conexão com a rede de inúmeros enunciados precedentes sobre este aspecto, também remete à rede de memória sobre o discurso religioso; a igreja considera a pesquisa com células tronco uma prática errada, cujo posicionamento já foi amplamente divulgado nos diversos meios de comunicação e citado neste trabalho.

Nesta materialidade, o enunciado sobre a regeneração de cérebros corrompidos e atrofiados em conexão com a linguagem não verbal remete ao leitor que o apoio da pesquisa científica com células tronco pela igreja é tão difícil quanto a conversão dos políticos que se envolvem em problemas de corrupção.

### **Reflexões finais**

Procuramos refletir, durante a análise dos quatro enunciados que constituíram o *corpus* deste trabalho, sobre os principais aspectos da constituição discursiva dos sentidos sobre a pesquisa científica com células tronco. Percebeu-se que, apesar de remeterem ao mesmo fato, os enunciados constroem diferentes significações, tendo em vista a natureza diversificada das condições de produção e da posição social ocupada pelos enunciadoreis.

Durante as análises, foi oportuno observar que a língua é um sistema instável, passível de falhas, de deslocamentos de sentido. Para compreender o enunciado, o leitor precisa resgatar uma memória discursiva relacionada ao fato social inerente ao momento da enunciação e, a partir daí, estabelecer relações entre os efeitos de sentido.

Os jogos discursivos que decorrem destas relações demonstram como se manifesta a constituição dialógica do enunciado, que representa um contato permanente entre discursos e influencia, diretamente, a constituição heterogênea da consciência e da ideologia do sujeito.

Com base nestas reflexões, é possível afirmar que o caso do desenvolvimento de pesquisas científicas com células tronco se trata de um acontecimento discursivo; cada vez que ele é abordado nos diversos meios de comunicação, geram-se novos enunciados e estabelece-se uma nova teia interdiscursiva por meio do comentário, refutação, ironia, etc. ao dialogar com o já dito e com o que será dito em outras oportunidades enunciativas.

## Referências

- BARACUHY, M. R. Relaxa e goza: enunciado, memória e poder nas lentes da mídia. In: GAMA-KHALIL, M.; STAFUZZA, G.; FRANÇA, T. M. (Orgs.) *Análise do discurso: sujeito e subjetividade*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p.720-728.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- FERNANDES, C. A. A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na AD. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Orgs.) *Percursos da análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007. p.47-68.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- GRANJEIRO, C. R. P. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, R. L. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p.33-45.
- GREGOLIN, M. R. V. Análise do discurso: o sentido e suas movências. In: GREGOLIN, M. R. V.; CRUVINEL, M. F.; KHAIL, M. G. (Orgs.) *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2001. p.9-36.
- \_\_\_\_\_. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: Navarro, P. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p.19-34.
- PÊCHEUX, M. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010. p.49-57.
- SARGENTINI, V. M. O. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: Navarro, P. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p.35-43.